



**AWARE**  
INVESTMENTS



---

# Carta Aware

SETEMBRO 2022

AWARE INVESTMENTS

Multi Family Office

São Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte • Lisboa • Genebra  
[contato@awaregestao.com](mailto:contato@awaregestao.com)

## Estados Unidos

A incerteza continua, a confusão aumenta, mas nada de parar de “tacar lenha na fogueira”.

Suporte à economia ainda é um tema sustentado pelas autoridades econômicas norte-americanas, mesmo com sinais gritantes de algo não saiu como o planejado.

A leitura final do PIB dos EUA no terceiro trimestre indicou um recuo de 0,6%, segundo dados divulgados pelo Departamento de Comércio dos EUA. O índice de preços de despesas com consumo pessoal (PCE) avançou no segundo trimestre em relação à leitura anterior, ficando em alta de 7,3% na comparação com o primeiro trimestre (leitura anterior apontava alta de 7,1% em relação ao primeiro trimestre). Já o núcleo do índice de despesas com gastos, que exclui os setores de alimentos e energia, saiu de uma alta de 4,4% da segunda leitura para avanço de 4,7% agora. Em relação aos lucros corporativos, houve um avanço de 7,4% no segundo trimestre sobre o primeiro trimestre, aceleração em relação ao avanço de 2,6% de janeiro a março deste ano. Já os gastos do consumidor subiram 2% no segundo trimestre, ante leitura preliminar de avanço de 1,5%.

Quem diria que seria mais fácil prever os rumos da economia tupiniquim do que da gigante economia da América, não é?

Para Jerome Powell, o todo poderoso do Fed, a missão impossível “à la Tom Cruise” em equilibrar a necessidade de crescimento com o excesso de crescimento é extremamente árdua, e o mesmo já admite que se trata de problemas “excepcionalmente incomuns”. Durante o mês, o Fed elevou sua taxa de juros em 0,75 ponto percentual e atualizou as suas projeções para a trajetória futura da meta de juros do BC americano, sinalizando um aumento de juros de 1,25 ponto percentual nas duas reuniões restantes em 2022.

## Europa

Sem guerra já era complicado, com ela se tornou semelhante à uma boneca russa, cada vez que abrem uma frente do problema, existe um outro embutido.

A inflação, que durante o auge da pandemia, demonstrava ser mais permanente nos EUA devido à dose cavalariça de estímulos, resolveu vir para ficar no Velho Continente após a crise energética. A alta dos preços na zona do euro já ultrapassou a inflação dos EUA por dois meses seguidos. A diferença provavelmente aumentou em setembro, quando a inflação geral na Europa atingiu 10%, enquanto na Alemanha se acelerou para 10,9%. Em face disso, o Fed e o BCE – embora tenham partido de lugares diferentes em momentos diferentes – estão agora em caminho semelhante. Ambos elevaram os juros em 0,75 ponto percentual na última reunião. Ambos provavelmente, na visão dos mercados, farão o mesmo da próxima vez. E ambos falam sobre a importância de manter as expectativas de inflação sob controle. O diferencial entre os dois? Uma guerra a pleno vapor e um inverno sem gás pela frente.

Alemães apáticos, desconfiados e sem uma pronta solução para o prolongamento da guerra. A economia da Alemanha vai entrar em recessão no próximo ano, segundo relatório feito pelos principais institutos econômicos do país. O grupo também prevê que a economia alemã pode encolher 7,9% no próximo ano no caso de um inverno excepcionalmente frio que leve ao racionamento de gás na indústria. O relatório foi produzido pelo Instituto Ifo, o Instituto Kiel, o Instituto Halle e o Instituto Leibniz. Eles projetam o PIB da Alemanha para crescer 1,4% este ano.

Para 2023, a estimativa é de uma contração da economia de 0,4%, e uma recuperação de 1,9% em 2024. Apesar do cenário negativo, o relatório diz que, com base em suas simulações, a Alemanha não ficará sem gás neste ano e no próximo, embora a situação da oferta permaneça “extremamente apertada” e os preços do gás provavelmente permanecerão “bem acima dos níveis pré-crise”, o que vai causar uma “perda permanente de prosperidade para a Alemanha”.

Recordes assombram os germânicos, como há quase um século não se via. A maior inflação em mais de 70 anos - Em meio à alta da energia impulsionada pela guerra na Ucrânia, o Departamento Federal de Estatística (Destatis) aponta inflação de 10% em setembro em comparação com mesmo mês do ano passado, maior taxa registrada desde 1951. Especialistas ouvidos pela agência de notícias Reuters esperavam crescimento geral da inflação, mas de no máximo 9,4%, após os 7,9% registrados em agosto. Conforme o Destatis, os preços de energia subiram 43,9% em relação ao ano anterior, e os de alimentos, 18,7%.

## Europa (cont.)

Em ato quase beirando o desespero, o chanceler alemão, Olaf Scholz, estabeleceu um "escudo defensivo" de 200 bilhões de euros para proteger empresas e consumidores contra o impacto do aumento dos preços da energia. De acordo com os planos, que serão financiados com novos empréstimos, o governo introduzirá um freio de emergência no preço do gás e da eletricidade e eliminará uma taxa de gás previamente planejada aos consumidores para evitar novos aumentos de preços. As usinas nucleares no sul da Alemanha, que deveriam ser fechadas até o final deste ano, poderão continuar funcionando até a primavera de 2023.

Para quem pensa que os alemães têm problemas, nem imagine o pepino que seguram os britânicos. O Reino Unido continua sendo a única economia do G7 que não conseguiu se recuperar dos níveis pré-pandemia, de acordo com Escritório Nacional de Estatísticas (ONS). No segundo trimestre, o PIB do Reino Unido ficou 0,2% abaixo do nível do último trimestre de 2019, antes da pandemia. O número ficou abaixo das estimativas dos economistas, que previam aumento de 0,6% do PIB em relação aos níveis pré-pandemia.

Ainda houve tempo no mês de setembro para a premiê Liz Truss inventar de tentar ser Margaret Thatcher. Um plano de corte de impostos para os mais ricos (abaixando a alíquota de 45% para 40%) buscava através deste estímulo impulsionar a economia, estagnada há uma década. Seguida de uma agressiva repercussão negativa, o plano foi abandonado. A renúncia de receita era a maior em 50 anos, desde o governo de Edward Heath, que foi marcado por inflação e a contratação de uma enorme dívida. O corte de impostos e o teto estabelecido pelo governo nos preços de energia custariam cerca de 161 bilhões de libras para os cofres públicos nos próximos cinco anos. A desaprovação foi tão grande que a libra atingiu sua menor cotação na história, alcançando a paridade cambial com o dólar americano.

Nos títulos públicos, os chamados "Gilt", o BoE também foi obrigado a intervir, recomprando títulos da dívida pública de longo prazo. Além da recompra, a instituição monetária central de Londres decidiu suspender o programa de venda dos títulos que já tinha adquirido nos últimos anos. "A meta anual de uma redução de estoque de 80 bilhões de libras não foi afetada e inalterada. Face às atuais condições de mercado, o Executivo do Banco adiou o início das operações de venda de Gilt que deveriam ter início na próxima semana. As primeiras operações de venda de dourados terão lugar a 31 de outubro e prosseguirão a partir dessa data", salientou o Banco da Inglaterra em nota. Após o anúncio, a taxa de juros sobre os títulos da dívida pública com vencimento em 30 anos, que havia atingido seu nível mais alto desde 1998, passou de 5,14% no início do pregão para 4,73%.



## Ásia

### China

Apesar da baixa do Yuan, que pairou perto de baixas recordes, devido ao alerta vindo do Banco Popular da China contra aqueles que apostarem na contínua depreciação da moeda, órgãos internacionais preveem a economia chinesa como a única no globo a crescer em 2023 mais do que neste ano. Pelas projeções da OCDE, a China terá um crescimento excepcionalmente fraco de 3,2% neste ano. Mas medidas tomadas por Pequim, que podem chegar até 2% do PIB para fortalecer o investimento em infraestrutura, e um efeito de recuperação das restrições relacionadas a covid-19 neste ano, devem ajudar a recuperar o crescimento para 4,7% em 2023. Persistem alguns riscos importantes, como a evolução incerta dos preços dos alimentos e aqueles associados à alta dívida e ao fraco setor imobiliário na China.

## América Latina

### Argentina

De dias melhores vivem os argentinos, mas dias difíceis estão por vir. A atividade econômica da Argentina subiu 5,6% em julho na comparação com o mesmo período do ano anterior. Em relação ao mês anterior, a atividade econômica do país ficou estagnada, segundo o Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec).

A Estimadora Mensal de Atividade Econômica (EMAE) de julho representou um desaquecimento em relação aos dados do mês anterior, quando a atividade econômica subiu 6,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior e teve alta de 1,1% em relação ao mês anterior. Analistas concordam que o futuro da EMAE parece difícil devido à incerteza sobre a economia local, com inflação que pode ultrapassar 100% em 2022 e com controles nas importações para evitar a saída constante de moeda estrangeira.

Ainda de acordo com o último orçamento apresentado, o PIB argentino no próximo ano terá ritmo de crescimento reduzido pela metade, com um aumento projetado de 2%, havendo um fraco desempenho da indústria (+1,5%) e do comércio (+1,8%), mas as boas notícias virão do setor agrícola, que crescerá 6% após três anos de maus desempenhos.

### Brasil

Novamente, a economia se comportou bem e mostrou sinais de retomada num mês de alívio, com sinais de que o país seguirá a frente dos países desenvolvidos, encerrando seu ciclo de aperto monetário, sua inflação em queda, bem como suas previsões, nível de atividade surpreendendo positivamente e as projeções para 2022 sendo revistas para cima. Vimos ainda, um exterior em contínua deterioração, com doméstico mostrando solidez em relação aos pares globais, no compasso de espera pelo primeiro turno, com debates seguindo seu fluxo paupérrimo de acusações. E finalmente chegaram! Resta agora aguardarmos mais um mês para o desfecho.

Pela ótica da produção, o crescimento no ano deve ser liderado pelos serviços (3,9%) e pela indústria (1,7%), ao passo que a agropecuária deve apresentar recuo (-1,7%) por conta de dados aquém do esperado e revisões de safras. Pela ótica da despesa, o consumo das famílias deve se expandir em 3,7%, as exportações, em 2,5% e o consumo do governo, em 1%, enquanto o investimento e as importações devem registrar relativa estabilidade (variações de 0,1% e 0,2%). Cabe ressaltar que, após as surpresas positivas do crescimento nos primeiros trimestres do ano, dados mais recentes de atividade mostram alguma desaceleração na margem. Contudo, o terceiro trimestre ainda deve ser de crescimento.

No setor externo, o déficit em conta corrente de US\$ 4,1 bi foi maior que o esperado em julho (consenso: US\$ -3,2 bi). No entanto, o investimento estrangeiro direto veio forte no mês, US\$ 7,7% bi, acima do consenso de US\$ 4,9 bi – mais que o suficiente para compensar o déficit em conta corrente. Em termos de % PIB, a conta corrente piorou de 1,9% para 2,1%, devido: (i) à queda no saldo da balança comercial, embora siga bem alto, (ii) à saída na conta de viagem e (iii) às remessas maiores de lucros e dividendos para fora do país.

Na inflação, o IPCA-15 veio mais fraco em setembro, variando -0,37% MoM, abaixo do consenso de -0,20%. A sua abertura também veio melhor do que o esperado com desaceleração dos núcleos e surpresa de baixa espalhada em diversos itens. Com isso, as perspectivas de curto prazo seguem benignas – surpresas baixistas na inflação corrente e coletas de preços com deflação em alimentação e combustíveis. Na tomada da melhora econômica, dados do Caged ilustraram o terceiro mês seguido de alta do salário médio de admissão, mostrando o processo contínuo da retomada da economia e queda do desemprego em 8,9%, menor desde 2015.

Sem contrariar o passado, o Comitê de Política Monetária cumpriu sua tradição em período eleitoral, mantendo a taxa básica de juros do país e encerrando o ciclo de alta em 13,75% a.a., em decisão dividida (dois membros votaram para aumento de 25pb). No comunicado, preocupado com a convergência da inflação, o COPOM diz que se manterá vigilante a fim de assegurar o processo de desinflação para meta. Entre os pontos vistos como sinal de que a Selic não sobe mais, estão as menções do BC ao aperto observado no mercado de crédito, com Campos Neto citando o aumento da inadimplência, considerada já como um efeito da política monetária.

### Brasil

O foco total fica para repercussão das eleições e possíveis sinalizações sobre a política econômica dos candidatos à presidência. O tema fiscal permanece o de maior atenção nos mercados e espera-se um posicionamento à respeito do aperto monetário interno e a manutenção de um arcabouço de regras fiscais compatível ao compromisso com a disciplina fiscal – que mantenha, portanto, sob controle o risco associado à evolução das contas públicas – devem permitir a gradual redução da inflação ao longo de 2023 e propiciar as condições para a recuperação do crescimento ao longo do próximo ano.

### Eleições

Após enorme expectativa, não poderíamos deixar de destacar a mais aguardada eleição dos últimos tempos, marcada por forte tensão e uma polarização nacional jamais vista. E muito na contramão das pesquisas, que projetavam uma possível vitória do ex-presidente Lula no primeiro turno, as eleições mostraram um incrível equilíbrio, com números recordes de eleitores para um candidato em primeiro turno, 57.259.504 votos (48,43%) e logo atrás Bolsonaro com 51.072.345 (43,20%) dos votos válidos, que em contrapartida ao que fora previsto, escancarou a força do bolsonarismo, surpreendendo no Rio e São Paulo e jogando a eleição para um segundo turno que promete trazer ainda muito pano para manga.

Por um lado, a vantagem obtida por Lula no 1º turno, em torno de 6 milhões de votos, é significativa e não é fácil de ser revertida. Por outro lado, a baixa votação dos candidatos de terceira via sugere que já tenha havido, no 1º turno, migração de suas bases em direção a Lula – o efeito “voto útil”. Além disso, a base de Bolsonaro, motivada e concentrada nos estados do centro-sul, tende a se mobilizar mais do que a de Lula, ao longo das próximas semanas. A tendência favorável da economia, que deve continuar exibindo melhora dos indicadores de inflação e emprego ao longo de outubro, também favorece o atual presidente.

A composição do Congresso eleito também chama muito a atenção, e aponta para um fortalecimento do voto de centro direita, de perfil conservador. Na Câmara dos Deputados, o PL, ao qual o presidente da República é filiado, tornou-se o maior partido, ampliando sua bancada de 76 para 99 deputados. Já o União Brasil, também de centro-direita, passou de 51 para 59 deputados. A frente de partidos de esquerda perdeu cerca de 10 deputados, contrariando as expectativas de que aumentaria o número de cadeiras.

## Bolsas

Em setembro, o Ibovespa tentou manter o ímpeto de alta, no entanto, nos últimos dias do mês, sucumbiu a pressão característica do período eleitoral e devolveu grande parte dos ganhos, encerrando o mês com valorização de apenas 0,47%, aos 110 mil pontos.

Além da já conhecida instabilidade geopolítica que estamos observando, outro grande driver para queda das bolsas ao redor do globo foi a confirmação da alta de juros nos EUA e comunicado mais *Hawk* por parte do presidente do FED, Jerome Powell, que iremos abordar mais a frente.

Com o modo *risk off* ligado, os investidores estrangeiros retiraram capital dos países emergentes. No Brasil, o saldo de setembro foi negativo em R\$ 91 milhões. No entanto, desde o início do ano, o saldo acumulado permanece positivo em R\$ 70 bilhões.

O EWZ, conhecido como Ibovespa em dólares, também apresentou perdas, no entanto, menos expressivas que de outros mercados, devido a recuperação recente do Real, após meses em deterioração contínua. As perdas foram de 2,92%, contribuindo para desempenho de 5,6% desde o início deste ano.

Nos EUA, os principais índices de ações continuaram a performar abaixo do mercado brasileiro, devido não só a percepção de que o FED está atrás da curva juros, como também devido à composição do índice, repletas de empresas de tecnologia, mais sensíveis ao nível de juros.

O S&P 500 e o Nasdaq encerram setembro com baixas de 9,3% e 10,5%, contribuindo para quedas de 24,8% e 32,4%, respectivamente, desde o início deste ano.

Na Europa, a performance dos mercados também foi ruim, devido a uma postura ainda mais atrasada do que os EUA em relação à taxa básica de juros e a escalada da instabilidade geopolítica, que deverá acarretar em racionamento de energia para a indústria nos próximos meses. O DAX, da Alemanha, e o CAC, na França, encerraram o mês em baixas de 5,6% e 5,9% respectivamente. Na Inglaterra, a situação também foi conturbada, em baixa de 5,4%, devido ao cenário acima descrito, somado a perda (momentânea, esperamos) de confiança na Libra Esterlina.

Na Ásia, o mercado acionário não ficou imune ao complexo cenário macroeconômico observado em todo o globo. Até mesmo o mercado japonês, conhecido mundialmente por sua baixa volatilidade, apresentou perdas dignas de países emergentes, em 7,7%.

Na China, todos os principais índices apresentaram perdas expressivas: Shanghai Composite (-5,55%); Shenzhen Component (-8,78%); e Hang Seng Index (-13,7%).

### Índices

Ibovespa	110.037,00	0,47%
S&P 500	3.585,62	-9,34%
Nasdaq	10.575,62	-10,50%
Euro Stoxx 50	3.318,20	-5,66%
Shanghai	3.024,39	-5,55%

### Ibovespa



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

### S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

### Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

## Juros & Câmbio

No fim do mês de setembro, tivemos o FOMC, onde o FED confirmou as expectativas do mercado e elevou os juros em 75 bps, levando a Fed Funds Rate (FFR) a um intervalo de 3,00% - 3,75%.

No discurso após a divulgação da taxa de juros, o presidente do FED, Jerome Powell, reafirmou que o Banco Central irá mover o juro para um nível restritivo até que a inflação arrefeça.

O tom ainda mais *hawk* do comunicado acarretou em forte aversão a risco, já que o mercado passou a assimilar que a taxa básica de juros americana permanecerá elevada por ainda mais tempo que o esperado anteriormente.

No Brasil, o comitê de política monetária também se reuniu para anunciar a decisão na Selic. Por estar mais avançado no ciclo de alta de juros, o comitê optou por manutenção da taxa em 13,75%.

Além de uma inflação mais controlada no curto prazo, devido às intervenções nos tributos da gasolina, entendemos que a manutenção do juro no patamar atual também se deu pela proximidade das eleições presidenciais, período que historicamente não há alteração na Selic.

Ainda sobre a Selic, o comitê deixou a porta aberta para voltar a subir a taxa, enfatizando que não hesitará caso o processo de desinflação não transcorra conforme esperado.

Com a escalada das tensões geopolíticas na Europa e o mercado passando a precificar cada vez mais uma desaceleração forte na zona do Euro, somadas a alta de juros em território norte-americano, o índice DXY, que mede a força do dólar frente a uma cesta de outras moedas fortes, registrou valorização de 3,15% no mês, contribuindo para alta de 16,8% desde o início de 2022.

As perspectivas ruins para Europa nos próximos meses somadas ao novo pacote econômico de Liz Truss fez com que a Libra Esterlina atingisse US\$ 1,03, o menor patamar frente ao dólar desde 1985. O euro seguiu o mesmo movimento, sendo chegando a ser negociado na mínima histórica, aos US\$ 0,96.

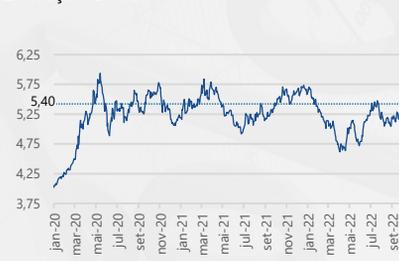
Com a proximidade das eleições presidenciais e um DXY forte, o principal contrato de dólar futuro (contra o real) voltou a subir, após dois meses em baixa, em alta de 3,22%.

O bitcoin manteve sua trajetória de queda, iniciada no fim do ano passado, desvalorizando 3% em setembro, contribuindo para performance negativa em 57,9% desde o início de 2022.

### Moedas

Dólar	5,41	4,39%
Euro	5,31	1,80%
Libra	6,04	0,33%
Yuan	0,76	1,16%
Iene	0,04	0,46%
Lira Turca	0,29	2,70%

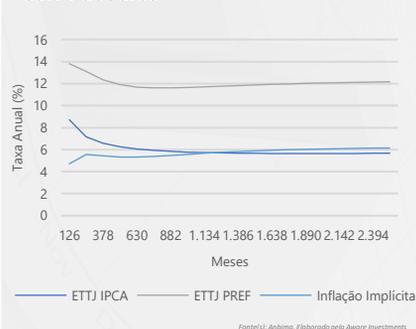
### Evolução Dólar



### Evolução Ouro



### Curva de Juros



Perspectivas

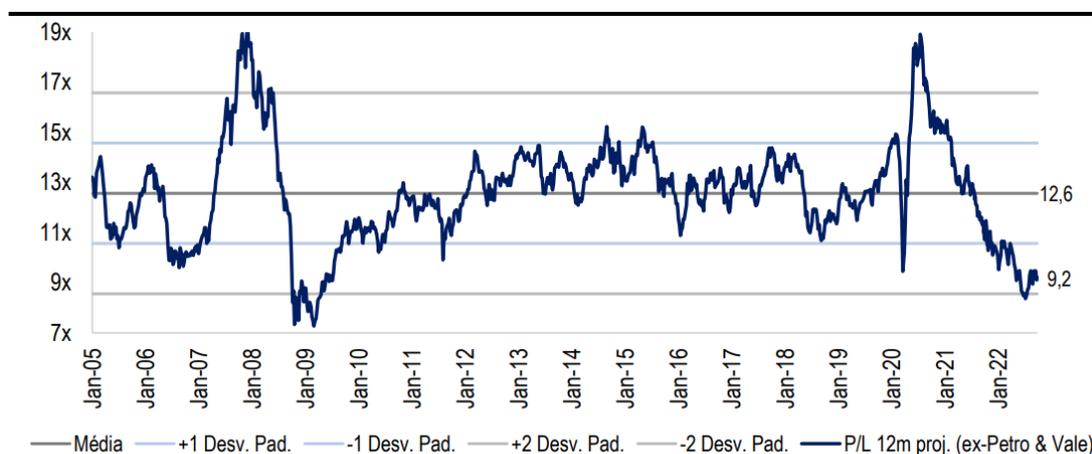
Após a divulgação de uma série de dados econômicos promissores em território nacional, somados a percepção de que o país poderá *outperformar* os mercados desenvolvidos, por parte dos investidores globais, revisamos mais uma vez nossas projeções para economia brasileira neste ano e 2023.

Passamos a projetar um IPCA ao final de 2022 em 5,4%, bem abaixo dos 6,5% projetados anteriormente. Para 2023, projetamos que o principal índice de preços doméstico atinja 5%, ante 5,4% estimados previamente.

Para o câmbio ao fim deste ano, acreditamos que R\$ 5,20 seja um patamar justo. Apesar de um DXY muito forte, inclusive se aproximando do pico dos anos 2001, esperamos que o ambiente doméstico mais construtivo atualmente, somado ao provável fluxo para ativos de risco brasileiros no fim deste ano (já que nossa bolsa é repleta de ativos menos sensíveis ao nível de juros) compense a força do DXY.

Em relação a Selic, mantemos nosso cenário base em 13,75% ao fim deste ano, patamar que deverá ser mantido por um período prolongado, semelhante a estratégia esperado do FED, nos EUA. No entanto, não descartamos mais uma alta adicional de 25bps, caso novos choques externos ocorram.

Com as ações brasileiras sendo negociadas no que acreditamos serem *valuations* muito atraentes (9,2x P/L 12 meses projetados, e 1,5x desvios-padrão abaixo da média, desconsiderando Petro e Vale) e um risco político/eleitoral, agora, mais baixo, devido a um senado e câmara com maioria ligada ao presidente Bolsonaro, podemos observar um impulso para as ações brasileiras nos próximos meses. Além disso, o fato de o Brasil estar no fim do ciclo de aperto monetário, a inflação estar desacelerando e o país não ter grandes problemas de energia também pode ajudar.



## Resumo

Indicadores	Cotação/Taxa	Dia	ago/22	jul/22	jun/22	2022	2021	12 M	24 M	60 M
CDI	13,65%	0,05%	0,50%	1,03%	1,01%	7,03%	4,40%	9,76%	12,54%	33,27%
SELIC	13,65%	0,05%	0,50%	1,03%	1,01%	7,03%	4,40%	9,76%	12,54%	33,28%
Dólar (Bacen)	5,1023	-0,20%	-1,66%	-0,95%	10,77%	-8,57%	7,39%	-2,54%	-6,47%	60,98%
Euro (Bacen)	5,2329	-1,01%	-1,15%	-3,47%	8,05%	-17,21%	-0,89%	-14,83%	-18,69%	39,79%
Dólar (Mercado)	5,074	-1,63%	-1,94%	-1,16%	10,15%	-8,94%	7,27%	-3,47%	-6,95%	59,86%
Euro (Mercado)	5,207	-2,16%	-1,53%	-3,59%	7,49%	-17,90%	-0,55%	-15,58%	-18,72%	37,94%
Ibovespa	112.764	2,78%	9,31%	4,69%	-11,50%	7,58%	-11,93%	-6,58%	10,43%	67,41%
Ouro B3	290,00	-1,89%	0,00%	-3,40%	7,60%	-12,12%	4,43%	-0,68%	-13,17%	123,51%
IGP-M***			-0,41%	0,21%	0,59%	7,94%	17,78%	8,90%	42,79%	84,43%
IPCA***			-0,23%	-0,68%	0,67%	4,53%	10,06%	8,87%	19,41%	31,82%
Poupança nova*			0,74%	0,66%	0,65%	5,04%	2,99%	6,72%	8,68%	22,71%
Poupança antiga*			0,74%	0,66%	0,65%	5,04%	6,22%	7,21%	13,83%	36,21%
Poup. nova + IR*			0,87%	0,78%	0,76%	5,93%	3,51%	7,91%	10,22%	26,71%
Poup. ant. + IR*			0,87%	0,78%	0,76%	5,93%	7,32%	8,49%	16,27%	42,60%

## Rentabilidades Mensais

Indicadores	ago/22	jul/22	jun/22	mai/22	abr/22	mar/22	fev/22	jan/22	dez/21	nov/21	out/21	set/21	ago/21
CDI	0,50%	1,03%	1,01%	1,03%	0,83%	0,92%	0,75%	0,73%	0,76%	0,59%	0,48%	0,44%	0,42%
SELIC	0,50%	1,03%	1,01%	1,03%	0,83%	0,92%	0,75%	0,73%	0,76%	0,59%	0,48%	0,44%	0,42%
Dólar (Bacen)	-1,66%	-0,95%	10,77%	-3,87%	3,83%	-7,81%	-4,07%	-4,00%	-0,70%	-0,41%	3,74%	5,76%	0,42%
Euro (Bacen)	-1,15%	-3,47%	8,05%	-2,12%	-1,35%	-9,07%	-3,78%	-4,96%	-0,12%	-2,93%	3,51%	3,77%	-0,12%
Dólar (Mercado)	-1,94%	-1,16%	10,15%	-3,85%	3,81%	-7,65%	-2,83%	-4,78%	-1,12%	-0,19%	3,67%	5,30%	-0,73%
Euro (Mercado)	-1,53%	-3,59%	7,49%	-2,11%	-1,04%	-9,30%	-2,63%	-5,95%	-0,59%	-2,25%	3,46%	3,32%	-1,18%
Ibovespa	9,31%	4,69%	-11,50%	3,22%	-10,10%	6,06%	0,89%	6,99%	2,85%	-1,53%	-6,74%	-6,57%	-2,48%
Ouro B3	0,00%	-3,40%	7,60%	-6,69%	2,40%	-4,89%	1,49%	-8,33%	3,13%	0,47%	4,77%	1,84%	-1,81%
IGP-M***	-0,41%	0,21%	0,59%	0,52%	1,41%	1,74%	1,83%	1,82%	0,87%	0,02%	0,64%	-0,64%	0,66%
IPCA***	-0,23%	-0,68%	0,67%	0,47%	1,06%	1,62%	1,01%	0,54%	0,73%	0,95%	1,25%	1,16%	0,87%
Poupança nova*	0,74%	0,66%	0,65%	0,67%	0,56%	0,60%	0,50%	0,56%	0,49%	0,44%	0,36%	0,30%	0,24%
Poupança antiga*	0,74%	0,66%	0,65%	0,67%	0,56%	0,60%	0,50%	0,56%	0,55%	0,50%	0,50%	0,50%	0,50%
Poup. nova + IR*	0,87%	0,78%	0,76%	0,78%	0,65%	0,70%	0,59%	0,66%	0,58%	0,52%	0,42%	0,35%	0,29%
Poup. ant. + IR*	0,87%	0,78%	0,76%	0,78%	0,65%	0,70%	0,59%	0,66%	0,65%	0,59%	0,59%	0,59%	0,59%



### *Disclaimer*

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your  
investments

---

AWARE INVESTMENTS  
Multi Family Office

São Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte • Lisboa • Genebra

[contato@awaregestao.com](mailto:contato@awaregestao.com)  
[www.awaregestao.com](http://www.awaregestao.com)